



XXVII ENFERMAIO

Enfermagem e
Bem viver: os caminhos para a
saúde da população em territórios
fragmentados

Realização:



Apoio:



A INVISIBILIDADE DA POPULAÇÃO NEGRA: AS IMPLICAÇÕES PARA A SAÚDE PÚBLICA NO CONTEXTO DA HANSENÍASE.

Isaac Marques de Brito¹

Thais Maria Félix Bezerra²

Bruno Victor Barros Cabral³

Davi Gomes Sousa⁴

Isabella Martins Camelo⁵

Maria Lúcia Duarte Pereira⁶

TRABALHO PARA PRÊMIO: GRADUAÇÃO - EIXO 3: ENFERMAGEM EM SAÚDE DO ADULTO E SAÚDE DO IDOSO

RESUMO

A hanseníase é uma doença infecciosa de caráter crônico que pode atingir todas as faixas etárias e grupos étnicos. Contudo, evidencia-se uma problemática quanto à doença na população negra. Assim, em vista desse fenômeno, este estudo tem como objetivo evidenciar, as principais dificuldades da população negra no processo de adoecimento por hanseníase. Para isso, realizou-se um ensaio reflexivo baseado na seguinte pergunta norteadora: “Quais as principais dificuldades da população negra no processo de adoecimento por hanseníase?”. Tal busca ocorreu pelo uso de Descritores em Ciências da Saúde, sendo esses: “black people”, “leprosy” e “social vulnerability”. Foram elaboradas três (n=3) categorias, a saber: 1) A história da marginalização, da discriminação e do estigma; 2) Determinantes sociais da saúde no contexto da hanseníase na população negra e 3) Barreiras ao acesso aos serviços de saúde. A reflexão possibilitou o desvelamento das principais dificuldades encontradas pela população negra. Assim, os autores evidenciam a necessidade do debate de tal temática, tendo em vista as invisibilidades enfrentadas por essa população, de modo que tais diálogos, futuramente, propiciem a redução de tais dificuldades e uma melhor atenção à saúde desses, a partir de medidas que impactem diretamente a forma como essa é ofertada.

Palavras-chave: Hanseníase; População negra; Saúde Pública.

1. Graduando em Enfermagem. Universidade Estadual do Ceará.

2. Graduando em Enfermagem. Universidade Estadual do Ceará.

3. Mestrando em Cuidados Clínicos em Enfermagem e Saúde. Universidade Estadual do Ceará.

4. Mestrando em Cuidados Clínicos em Enfermagem e Saúde. Universidade Estadual do Ceará.

5. Mestrando em Cuidados Clínicos em Enfermagem e Saúde. Universidade Estadual do Ceará.

6. Doutora em Enfermagem. Universidade Estadual do Ceará.

E-mail do autor: isaac.marques@aluno.uece.br

INTRODUÇÃO

A hanseníase é uma doença infecciosa de caráter crônico causada pelo *Mycobacterium leprae* que afeta, principalmente, pele, nervos periféricos, olhos e mucosa nasal. Em 2022, 174.087 casos novos da doença foram registrados no mundo, com Índia, Brasil e Indonésia sendo os mais relevantes quanto às notificações anuais (Brasil, 2024).

A doença, atualmente, é associada a condições de vulnerabilidade social que influem diretamente em sua propagação (Silvestre *et al.*, 2021). Além disso, é atribuída a hanseníase uma forte carga histórica, uma vez a doença, anteriormente denominada lepra, era considerada como uma forma de impureza e de castigo divino, destacada em dogmas religiosos, fato que resulta em preconceito, discriminação e estigmatização social do indivíduo acometido pela hanseníase, fenômeno esse que perdura até a contemporaneidade (Andrade, 2022). Cabe salientar que a doença pode atingir todas as faixas etárias e grupos étnicos. Contudo, evidencia-se uma problemática quanto à hanseníase na população negra (Costa *et al.*, 2022).

Clinicamente, as manifestações cutâneas nessa população são menos visíveis, o que muitas vezes fomenta um impasse diagnóstico (Costa *et al.*, 2022). Soma-se a isso, uma padronização científica, oriunda dos avanços do século XIX, que são fundamentados em um eurocentrismo e trazem inovações à ciência calcadas em uma hierarquização, sendo o estágio final de evolução o homem branco (Andrade Júnior, 2016). Assim, em vista desse fenômeno, este estudo tem como objetivo evidenciar as principais dificuldades da população negra no processo de adoecimento por hanseníase.

MÉTODO

Estudo descritivo do tipo ensaio reflexivo baseado na seguinte pergunta norteadora: “Quais as principais dificuldades da população negra no processo de adoecimento por hanseníase?”. Este estudo foi estruturado a partir de leituras de artigos selecionados por busca eletrônica nos meses de março e abril de 2024. Para isso utilizou-se as seguintes bases/bancos de dados: Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), *Medical Literature Analysis and Retrieval System Online* (MEDLINE) e Google Scholar. Tal busca ocorreu a partir do uso de descritores contemplados nos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS/MeSH), sendo esses: “black people”, “leprosy” e “social vulnerability”.

A partir dos descritores foram encontrados 203 artigos. Posteriormente esse quantitativo foi filtrado por disponibilidade do texto (texto completo) e idioma (inglês, português ou espanhol). Não houve filtragem por ano de publicação, de modo a abranger o maior número de publicações. Os artigos em questão, obrigatoriamente, deveriam versar sobre algum aspecto do adoecimento da hanseníase na população negra.

Excluiu-se artigos que estavam duplicados entre bases. Os artigos capturados passaram por nova triagem, inicialmente por leitura de título, resumo e objetivo, de modo que foram escolhidos aqueles que melhor contribuíram para o alcance da proposta deste estudo. A amostra final foi de 12 artigos. Os textos foram elencados em categorias construídas pelos autores, de modo a favorecer uma melhor compreensão do material.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram elaboradas três (n=3) categorias, a saber: 1) A história da marginalização, da discriminação e do estigma; 2) Determinantes sociais da saúde no contexto da hanseníase na população negra e 3) Barreiras ao acesso aos serviços de saúde.

Categoria 1: A história da marginalização, da discriminação e do estigma.

O estigma relacionado à hanseníase e suas consequentes incapacidades está associado a visões sociais perpetuadas muitos séculos atrás, juntamente com os estereótipos bíblicos dos “leprosos” (Horwitz, 2006). Historicamente, em todo o mundo, as pessoas acometidas pela doença foram isoladas e segregadas do convívio social, como forma de tratamento e controle da transmissão, como uma forma também de manter a ordem social (Horwitz, 2006; Peres, Griep, Gomes, 2023; Zamparoni, 2016).

Somado a isso, teorias acerca de diferenças biológicas entre negros e brancos criaram uma dupla carga de discriminação ao associar a pele negra como causa da hanseníase, justificando ações médicas racistas (Deacon, 2000; Hogarth, 2019; Rush, 1799). Afirmações descabidas acerca da suposta relação podem ser encontradas no estudo de Rush (1799) que no final do século XVIII apontava que a dieta, a cultura, o desejo sexual e outras características dos negros como causa da hanseníase, e, portanto, essa seria a responsável pela sua cor da pele. Sendo assim, é notável que as barreiras entre a ciência e as opiniões subjetivas foram firmemente desrespeitadas, favorecendo um cenário de discriminação racial não só na sociedade, mas dentro do ambiente médico e científico (Deacon, 2000; Zamparoni, 2016)

Inclusive, a hanseníase, anteriormente, era retratada como uma “doença negra”. Pessoas negras que tinham hanseníase eram descritas como “imorais” e devido a essa suposição, temia-se que as consequências de sua imoralidade ajudassem na disseminação da doença, o que incentivou à implementação de medidas mais rígidas de controle e segregação (Horwitz, 2006). Com o passar dos anos, o cenário de marginalização e discriminação dos negros, principalmente em países que passaram por regimes de escravidão como o Brasil, foi perpetuado e hoje é parte estrutural da sociedade (Peres; Griep; Gomes, 2023).

Categoria 2: Determinantes sociais da saúde no contexto da hanseníase na população negra.

Para Ramos *et al.* (2021) a disseminação da hanseníase está intrinsecamente ligada aos determinantes sociais da saúde (DSS), principalmente condições habitacionais inadequadas, insuficiência de renda, maior ocupação, altas densidades demográficas, disparidades de gênero e desigualdades étnico-raciais. É observado na literatura que até mesmo em países endêmicos, há diferença na incidência e prevalência entre regiões ou municípios que apresentam melhores condições de vida, com a hanseníase se concentrando em locais com maiores índices de desigualdade social (Ramos *et al.*, 2021; Siman *et al.*, 2021).

Historicamente, populações negras e pardas são submetidas a maiores níveis de desigualdade social, estando associadas a níveis mais elevados de privação, o que fomenta aumento de até 40% no risco de adoecimento geral (Ramos *et al.*, 2021; Nery *et al.*, 2019). Tal escassez de oportunidades pode ser vista no grau escolaridade dessas pessoas, com o estudo de Nery *et al.* (2019) evidenciando um menor quantitativo de anos estudados em pessoas de etnia parda e negras. Este fator influencia no desconhecimento quanto a hanseníase, logo atrasando a detecção de seus sinais e sintomas. O mesmo estudo apresenta uma associação que destaca um maior abandono do tratamento da hanseníase nessa população, evidenciando um risco a tais pessoas e as comunidades em que essas vivem.

Outros estudos relacionam a magnitude da doença na população negra a um contexto histórico populacional, que seria reflexo de um processo de ocupação territorial proveniente da colonização local. Além disso, evidencia-se, juntamente a esse processo, que países que apresentam altas taxas da hanseníase, por exemplo o Brasil, possuem em suas raízes um forte processo de miscigenação com povos negros, que, na atualidade, são fortemente impactados quanto a situações de desigualdade social, incluindo a saúde (Siman *et al.*, 2021).

Reforça-se que, quanto a critérios biológicos, não há evidências de que a etnia seja um determinante de risco individual para o desenvolvimento da hanseníase; no entanto é salutar a associação da doença com desigualdades (Ramos *et al.*, 2021). Fato é que regiões com maiores graus de pobreza apresentam também maiores quantitativos de pessoas negras e pardas e também apresentam maiores taxas quanto aos casos de hanseníase (Nery *et al.*, 2019).

Categoria 3: Barreiras ao acesso aos serviços de saúde.

A literatura evidencia uma série de dificuldades vivenciadas por pessoas com hanseníase. Essas são comprovadas pela alta incidência de casos que apresentam maiores graus de incapacidade física no momento do diagnóstico, assim de modo a salientar que há um longo período entre o adoecimento e a chegada ao serviço de saúde (Ramos *et al.*, 2021). Entre essas barreiras, destacam-se a incompatibilidade dos horários de atendimento, dificuldades financeiras necessárias para transporte e uma predominância de demanda passiva (Ramos *et al.*, 2021; Shyam-Sundar *et al.*, 2021).

Esse fenômeno é agravado na população negra. Boigny *et al.* (2021) caracteriza tal dificuldade como uma vulnerabilidade programática, evidenciada pelo acesso restrito ao sistema de saúde, que muitas vezes é de baixa qualidade. Já Peres, Griep e Gomes (2023) contextualizam essa propriedade com a expressão “racismo ambiental”. Para os autores, ações de cunho racista, intencionais ou não, acabam por determinar grupos marginalizados, de modo a atribuir uma identidade a esses. Assim, uma caracterização diferente resulta em exclusão, que impacta, diretamente, em uma limitação ao acesso à saúde, oriunda de uma segregação que reforça o estigma associado à hanseníase e afasta a população negra dos serviços.

Assim, desprezar o componente racial nessas situações pode velar os obstáculos que a população negra vivencia em seu cotidiano, de modo a perpetuar a discriminação racial na sociedade atual (Peres; Griep; Gomes, 2023). Salienta-se que a medicina ocidental deriva, inevitavelmente, de pressupostos coloniais, que, podem ainda apresentar componentes de racialização em sua prática. Deacon (2000) destaca que o racismo na medicina surgiu do racismo na sociedade colonial e que essas ações não somente se reproduzem a nível individual, mas também desempenham papel na construção de preceitos profissionais.

Tal fenômeno é destacado pelo estudo de Shyam-Sundar *et al.* (2021) que evidencia relatos de racismo durante o atendimento à hanseníase, que mesmo isolados, demonstram que ainda uma certa discriminação quanto a saúde da população negra em geral. Portanto, a discriminação racial assim impacta no acesso a saúde, reforçando que pessoas

negras possuem menos assistência de qualidade comparativamente a pessoas brancas (Deacon, 2000).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A reflexão possibilitou o desvelamento das principais dificuldades encontradas pela população negra no contexto da hanseníase. Os autores, destacaram três principais componentes desse fenômeno, sendo esses baseados inicialmente num contexto histórico de marginalização e discriminação e, posteriormente, da caracterização social do negro e do negro que possui hanseníase e das barreiras físicas e sociais que distanciam tal população ao serviço de saúde.

Observa-se, nesse contexto, que a contemporaneidade da hanseníase na população negra ainda é cercada de estigma, que tem como sua raiz o processo de colonialismo, que até os dias atuais, reflete suas principais características segregativas. Assim, os autores evidenciam a necessidade do debate de tal temática, tendo em vista as invisibilidades enfrentadas por essa população, de modo que tais diálogos, futuramente, propiciem a redução de tais dificuldades e uma melhor atenção à saúde desses, a partir de medidas que impactem diretamente a forma como essa é ofertada.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, T.I.B. **Estigma relacionado à hanseníase em comunidades e pessoas acometidas em território hiperendêmico do Nordeste do Brasil**. 2022. Dissertação (Mestrado) - Saúde Pública. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2022.

ANDRADE JÚNIOR, M.J. **A contribuição da medicina na construção do Racismo Científico no Brasil: um olhar sobre a Eugenia**. 2016. TCC (Graduação) - Medicina. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

ALBUQUERQUE, A. R. *et al.* Epidemiological, temporal and spatial dynamics of leprosy in a municipality in northeastern Brazil (2008-2017): an ecological study. **Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical**, v. 53, 2020.

BRASIL. **Hanseníase: Boletim Epidemiológico**. nº Especial. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2024.

BOIGNY, R. N. *et al.* Magnitude and temporal trends of leprosy relapse in the state of Ceará, Brazil in the period 2001-2018. **Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical**, v. 54, 26 fev. 2021.

COSTA, M.C.C. *et al.* Situação Epidemiológica Da Hanseníase Na Pele Negra em Mato Grosso. In: V Mostra Científica Do Programa De Interação Comunitária Do Curso De Medicina, 2022. Várzea Grande. **Anais [...]** Mato Grosso, 2022.

DEACON, H. Racism and Medical Science in South Africa's Cape Colony in the Mid- to Late Nineteenth Century. **Osiris**, v. 15, p. 190–206, jan. 2000.

FERREIRA, A. F. *et al.* Mortalidade por hanseníase em contextos de alta endemicidade: análise espaço-temporal integrada no Brasil. **Revista Panamericana de Salud Pública**, v. 43, p. 1, 1 jun. 2019.

HOGARTH, R. A. The Myth of Innate Racial Differences Between White and Black People's Bodies: Lessons From the 1793 Yellow Fever Epidemic in Philadelphia, Pennsylvania. **American Journal of Public Health**, v. 109, n. 10, p. 1339–1341, out. 2019.

HORWITZ, S. Leprosy in South Africa: A Case Study of Westfort Leper Institution, 1898–19481. **African Studies**, v. 65, n. 2, p. 271–295, dez. 2006.

NERY, J. S. *et al.* Socioeconomic determinants of leprosy new case detection in the 100 Million Brazilian Cohort: a population-based linkage study. **The Lancet Global Health**, v. 7, n. 9, p. e1226–e1236, 1 set. 2019.

PEREIRA, N. D. *et al.* “Saúde Da População Negra Frente À Covid-19: Desafios E Vulnerabilidades”. **Revista Transformar**, v. 14, n. 2, p. 145–162, 6 set. 2020.

PERES, G. L.; GRIEP, R.; GOMES, E. Hanseníase E Racismo Estrutural: Análise Dos Determinantes Sociais De Saúde No Município De Cascavel, Paraná. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 9, n. 9, p. 4546–4559, 28 out. 2023.

RAMOS, A.C.V. *et al.* Social inequalities and their association with the leprosy burden in a Brazilian city of low endemicity: An ecological study. **Acta Tropica**, v. 218, p. 105884, jun. 2021.

RUSH, B. Observations Intended to Favour a Supposition That the Black Color (As It Is Called) of the Negroes Is Derived from the Leprosy. **Transactions of the American Philosophical Society**, v. 4, p. 289, 1799.

SANTANA, E.M.F. *et al.* Deficiências e incapacidades na hanseníase: do diagnóstico à alta por cura. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v. 20, 27 ago. 2018.

SHYAM-SUNDAR, V. *et al.* A qualitative study exploring the perceived impact of race on leprosy-affected persons' experiences of diagnosis and treatment of leprosy in Southeast Brazil. **Indian Journal of Leprosy**, n. 93, p. 1–13, 2021.

SILVA, D.D.B. *et al.* A hanseníase na população idosa de Alagoas. **Rev. bras. geriatr. gerontol.**, v. 21, n. 5, 1 set. 2018.

SILVESTRE, M.M. *et al.* Fatores históricos e de vulnerabilidades associados à transmissão da hanseníase no Brasil. **Revista SaúdeColetiva**. v.11, n.66, 2021.

SIMAN, J B. *et al.* Internação por hanseníase e suas sequelas: um estudo descritivo. **Revista Brasileira em Promoção da Saúde**, v. 34, 30 jun. 2021.

ZAMPARONI, V. Lepra: doença, isolamento e segregação no contexto colonial em Moçambique. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 24, n. 1, p. 13–39, 16 nov. 2016.

